

## EPISÓDIO QUATRO

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

### CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como Chega de Saudade.

leiteiro:

NM/OFF: Foram vários escândalos em um só. Um cantor que não tinha voz para os padrões da era do rádio, cantando de uma forma doce e feminina no reinado dos cantores viris e grandiloquentes. Uma batida diferente que sambistas tradicionais chamavam pejorativamente de violão gago. Um poeta místico e dramático, dono de uma obra respeitável, rimando beijinhos com peixinhos.

Canção símbolo da bossa nova, marco inicial da mais radical guinada da história da música brasileira, “Chega de Saudade” foi escrita por Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes e eternizada pela voz e pelo violão de João Gilberto em 1958. Mas na sua gravação original, cantada por Elizeth Cardoso, no LP Canção do amor demais, de bossa nova a música não tinha nada. Apenas a batida diferente do violão de João, que ficou perdido no meio da orquestra e passou quase despercebido. Apesar do prestígio de Elizeth e da qualidade das canções da dupla, o disco foi completamente ignorado por público e crítica. Elizeth era grande cantora, mas tradicional.

Seis meses depois, com um arranjo moderno e minimalista de Tom Jobim e uma introdução à maneira de regional de choro, puxada pela flauta, João Gilberto regravou Chega de Saudade como se fosse a primeira vez. Agora, com a batida do violão integrada à sua voz, canto com um mínimo de volume e o máximo de suingue e de precisão, alternando acordes e divisões rítmicas, valorizando cada palavra da letra coloquial, carinhosa e cheio de diminutivos do Poetinha. Nascia a bossa nova.

Sobe o som

A partir das rádios de São Paulo, o sucesso improvável se alastrou por todo o país, provocando polêmica, conquistando a juventude e se tornando a trilha sonora dos alegres e otimistas anos JK.

No rótulo do disco histórico, a música ainda era identificada como samba-canção, numa época em que as classificações de gênero começavam a cair em desuso pelas gravadoras. O próprio João Gilberto nunca aprovou o rótulo de bossa nova, dizendo que fazia samba, um samba minimalista e sincopado, mas sempre e simplesmente samba. Para Tom Jobim, *Chega de Saudade* era um samba-choro, que surgiu de uma sequência de acordes básicos de um método de violão comprado para uma sobrinha. A partir daí, alterando os acordes, escreveu uma melodia que começa melancólica, e vai se abrindo em tom maior para iluminar os versos em que o poeta mergulha no romantismo.

Embora secundária na obra monumental de Tom e Vinícius, “*Chega de Saudade*” já tinha todos os elementos para resultar na criação de um novo gênero, que logo ganharia os Estados Unidos, a Europa e o Japão, sendo uma das maiores contribuições brasileiras para a beleza e para a alegria de todo o mundo.

NM/ON: A música, a letra e o destino de uma canção nunca foram tão convergentes. Celebrando uma promessa de amor eterno, Tom e Vinícius fizeram um hino romântico que atravessa gerações.

letrero: EU SEI QUE VOU TE AMAR, TOM JOBIM E VINÍCIUS DE MORAES, 1958

NM/OFF: Lançada em 1958, no momento em que a bossa nova começava a revolucionar a música brasileira, logo se tornou uma das canções mais gravadas da dupla. Tradicional e romântica em sua construção melódica e poética, “*Eu sei que vou te amar*” tinha pouca afinidade com o estilo que foi sintetizado pela voz e o violão de João Gilberto. Desesperadamente apaixonada e dramática, na forma e no conteúdo, passava longe do suingue seco e sincopado, das harmonias dissonantes e das letras coloquiais de Vinícius, cantando a leveza da vida no paraíso carioca.

Mas tanto Tom quanto Vinícius jamais fizeram distinção de gênero musical ou se limitaram ao samba de uma nota só, transitando com liberdade por modinhas, valsas, choros, boleros, afro-sambas e sambas-canção. Assim

como “Chega de Saudade”, “Eu sei que vou te amar” passou despercebida em seu lançamento, gravada por Sol Stein e seu conjunto, de 1958.

Em regravação no ano seguinte, a música também não foi bem-sucedida com Lenita Bruno, cantora de formação lírica, que deu à balada romântica uma interpretação entre a ária de ópera e um musical da Broadway.

Trinta e cinco anos depois, João Gilberto gravou sua versão longamente amadurecida para o disco *Ao Vivo – Eu Sei que vou te amar*, de 1995. Só assim, a canção ganhou sua versão definitiva e mais próxima de sua proposta, num encontro que já tinha sido antecipado por Caetano Veloso, discípulo aplicado de João Gilberto, no disco *Muito*, de 1978.

Dos mais bregas aos mais chiques, são inúmeros os intérpretes que consagraram “Eu sei que vou te amar” como a mais popular música de casamentos em todo o Brasil. Em 2008, na comemoração dos 50 anos da bossa nova, recebeu belíssima versão de Roberto Carlos. Declaração de amor para todo sempre, foi cantada a meia-voz pela multidão durante o funeral de Tom Jobim.

NM/ON: Homem de muitos amores, Vinícius abençoou a poligamia musical de seu parceiro perfeito. Parodiando o Soneto da Felicidade, foi infinita enquanto durou a breve parceria entre Tom Jobim e Newton Mendonça. Mas suas músicas ainda duram.

Letreiro: DESAFINADO, TOM JOBIM E NEWTON MENDONÇA, 1959

NM/OFF: Cariocas e aquarianos, Tom era lindo e charmoso; Newton, feioso e gorducho. Juntos assinaram uma das pedras fundamentais da bossa nova, “Samba de uma nota só”, além de alguns exemplos perfeitos da mescla entre sofisticação e apelo pop, como “Meditação”, “Discussão”, “Caminhos cruzados” e “Foi a noite”. Mas é “Desafinado”, lançada por João Gilberto em 1959, que melhor representa as conquistas estéticas de um estilo que sintetizava, com leveza e humor, o samba com o cool jazz, clássicos impressionistas e minimalismo na voz e no violão de João.

“Desafinado” é um pedido bem-humorado de um cantor para que sua amada de ouvido privilegiado perdoe a sua falta de afinação na música e na vida. Ao mesmo tempo, Tom e Newton rebatem musicalmente e com humor, muitas das críticas que a bossa nova vinha sofrendo de colegas da

música e da imprensa. Era tanta estranheza e novidade que para muitos soava antimusical, mas era bossa nova, era muito natural para aquele núcleo de jovens criadores. Em perfeita sincronia, música e letra brincam com a ideia do título, num fraseado musical sinuoso que exige grande afinação. Muitos desavisados comentavam que João Gilberto, logo ele, o mais perfeccionista dos cantores brasileiros, era desafinado numa confusão entre o efeito e o defeito.

Sobe som

Lançada num single em 1962 nos Estados Unidos, em gravação do saxofonista Stan Getz com o guitarrista Charlie Byrd, “Desafinado” vendeu mais de um milhão de cópias e faturou um Grammy de melhor performance de jazz. Fundamental para a entrada e o crescimento da bossa nova no mundo anglo-saxão, a música teve duas versões em inglês, “Slightly out of Tune”, do cantor Jon Hendricks e “Off Key”, de Gene Lees, que deu mais certo por respeitar a ideia original e as orientações de Tom Jobim.

Quando o futuro de abria para as canções da dupla, o coração desafinado de Newton Mendonça encerrou prematuramente a parceria. Morto aos 33 anos, por um enfarte, Newton entrou para a mitologia e para os mistérios insondáveis da música brasileira. Como tanto ele quanto Tom faziam letra e música, jamais se saberá ao certo qual a contribuição de cada um em cada composição. Mas, no caso “Desafinado”, o estilo de Johnny Alf, a quem Tom adorava, também merece crédito. Lançada por Alf em 1955, “Rapaz de bem” era uma canção pioneira, de melodia sinuosa e jazzística sobre acordes dissonantes, que causava estranheza até Desafinado mostrar que no peito dos desafinados também bate um coração.

NM/ON No movimento das marés musicais, o encontro entre as correntes globais e regionais pode provocar tensão ou calma. Enquanto a bossa nova mandava ondas de suavidade para o mundo, a resistência nordestina desafiava a música americana para um campeonato de suingue.

leiteiro: CHICLETE COM BANANA, GORDURINHA E ALMIRA CASTILHO, 1959

NM/OFF: Sucesso popular em 1959, na gravação de Jackson do Pandeiro, grande mestre do suingue e das divisões rítmicas, “Chiclete com Banana”

voltou às paradas em 1972, na voz de Gilberto Gil, como um dos destaques do influente álbum *Expresso 2222*. Desde então, se manteve como referência obrigatória da afirmação da identidade musical brasileira, comentando com bom humor a concorrência que o samba passou a sofrer dos ritmos americanos nos anos 50.

Sobe o som

Criticando a excessiva influência do rock e do bebop no Brasil, a canção era uma espécie de samba pop, prenúncio de um novo híbrido que seria realidade, anos depois, com Jorge Benjor: Olha aí, o samba rock, meu irmão! Na letra engenhosa e no ritmo sincopado, se fundem gêneros que se espalharam pelo continente americano a partir da mesma raiz africana: a rumba, o samba, o coco e o jazz.

Mesmo creditada ao baiano Gordurinha e à pernambucana Almira Castilho, Jackson também participou de sua criação, mexendo no arranjo e acrescentado alguns cacos e expressões regionais. Companheira de Jackson no palco e na vida, Almira conta que, na época do lançamento de “Chiclete com banana”, eles não podiam dividir composições por serem filiados a associações de autores diferentes.

Mas não é preciso assinatura para identificar a contribuição pessoal e intransferível de Jackson na canção. É dele o scat jazzístico da introdução, que dá mais charme e sentido à sátira proposta pela música. A regravação de Gil também foi importante para revalorização de Jackson do Pandeiro, que voltou a ser requisitado para shows e a inspirar novos artistas.

Presença obrigatória em shows de artistas nordestinos modernos ou tradicionais, Chiclete com banana também virou nome de uma das bandas de axé mais populares do Brasil. Em 1999, Lenine usou trechos do clássico para homenagear o mestre na música “Jack soul brasileiro”.

NM/ON: Do piano de um grande renovador da música brasileira, que já era moderno no seu tempo e se tornou eterno, saiu um dos nossos maiores clássicos românticos, inspirado por um amor impossível.

leiteiro: ILUSÃO À TOA, JOHNNY ALF, 1961

NM/OFF: Um dos mais talentosos e originais compositores brasileiros, o carioca Alfredo José da Silva, o Johnny Alf, teve a sorte de nascer com uma

voz e uma musicalidade raras para enfrentar um desafio à altura de seu talento. Negro, pobre e gay no Brasil atrasado dos anos 1950, jamais conquistou o sucesso popular e, embora reverenciado por grandes mestres da bossa nova, também não teve o devido reconhecimento da crítica.

Mesmo pobre e órfão de pai, Johnny teve formação rigorosa, estudou piano desde os nove anos, aprendeu inglês e se encantou com o jazz e com os standards de Gershwin e Cole Porter. Decidido a viver da música no fim dos anos 1940, fez escola na noite de Copacabana, encantando outros jovens músicos como Tom Jobim, João Donato e Carlos Lyra. Precursor das harmonias jazzísticas e dissonantes, que anteciparam a bossa nova, pianista refinado e cantor com voz de veludo e fraseado sinuoso, Johnny Alf deixou uma obra relativamente pequena em número, mas grandiosa em qualidade, como um dos maiores estilistas da música brasileira.

Depois de passar toda a carreira evitando discussões sobre sua sexualidade, já no fim da vida, aos 80 anos, Johnny admitia o que poucos percebiam na letra de “Ilusão à toa”, uma canção sobre um amor secreto, trancado no armário. Nas entrelinhas, o tímido e genial pianista revelava a melodia sinuosa dos seus sentimentos por um amigo também músico, que nem desconfiava daquele amor discreto de uma só pessoa.

Mais do que um tabu social, o homossexualismo era crime previsto pela legislação em vigor quando Johnny Alf lançou “Ilusão à toa”, no seu primeiro álbum solo, o histórico “Rapaz de bem”, de 1961, e ao longo das últimas cinco décadas e meia tem embalado corações apaixonados de todos os sexos e gerações.

Regravada por uma seleção brasileira de intérpretes, de Isaurinha Garcia e Elis Regina, de Marcos Vale a Caetano Veloso, “Ilusão à toa, inspirou pelo menos duas novas canções.

Sucesso de Lulu Santos e Ronaldo Bastos nos anos 1980, “Um certo alguém” tem seu título derivado da letra de “Ilusão à toa”, assim como “Amor mais que discreto”, lançada já no século XX por Caetano com todos os artigos definidos de um amor gay.

NM/ON: Popular e erudito, autodefinido o branco mais preto do Brasil, Vinícius de Moraes era um poeta das letras e da vida, que desfazia

oposições e maniqueísmos com gelo, uísque e um violão, cantando a alegria de viver e a tristeza do samba.

letreiro: SAMBA DE BÊNÇÃO, BADEN POWELL E VINÍCIUS DE MORAES

NM/OFF: Lançado em 1966, o álbum “Os afro-sambas” consagra uma revolução estética tinha começado quatro anos antes, quando Vinícius de Moraes começou a compor com o jovem e virtuoso violonista fluminense, nascido Baden Powell de Aquino. Desse período vem “Samba de bênção”, obra prima da síntese, da sofisticação e da simplicidade. Com suas canções impregnadas de magia, paixão e herança africana, Baden e Vinícius avançaram muito além da já esgotada fórmula da bossa nova, que saía de moda no Brasil para ganhar o mundo.

Os afro-sambas anunciavam o futuro, bebendo no passado ancestral, abrindo trilhas e aproximando o samba de suas raízes afro-baianas e mudando o rumo da música brasileira. Na letra autobiográfica, o poeta apresenta sua identidade cultural e oferece um manual de vida, brincando com as contradições do corpo social e da alma brasileira.

Sobe o som (poeta se apresenta como o preto mais branco do Brasil e fala da alegria pra viver e da importância da tristeza para fazer samba)

Tão importante quanto a melodia simples, sobre dois acordes, é a parte falada desse samba, meio rap e meio oração. Sobre a base rítmica do violão de Baden, Vinícius homenageava amigos e mestres do passado e do presente pedindo a bênção a cada um deles, a quem dedicava ainda uma pequena declaração de amor, respeito e amizade.

Entre eles, o maestro Moacir Santos, que não é um, é tantos, merece crédito à parte. Foi dele o arranjo e a regência da gravação original de “Samba de bênção” no disco “Vinícius e Odete Lara”. Orquestrador, saxofonista, compositor e ainda professor de dezenas de músicos da época, inclusive Baden Powell, Moacir já vinha buscando essa reconexão com África em sua obra, que seria reunida em seu primeiro álbum, o fundamental Coisas, de 1965. Sem espaço no Brasil, Moacir foi viver e ensinar nos Estados Unidos e nunca mais voltou.

A partir de 1966, Samba de bênção fez grande sucesso na França, com versão de Pierre Barouh e o título de Saravá, integrando a trilha do filme “Um homem e uma mulher”, de Claude Lelouch. E depois voltou ao

sucesso internacional na versão electrobossa de Bebel Gilberto no fim dos anos 90.

NM/ON: Em uma manhã vadia de chope em Ipanema, vendo passar as meninas de biquíni, dois cariocas criaram a música brasileira de maior sucesso internacional de todos os tempos.

letrada: GAROTA DE IPANEMA, TOM JOBIM E VINÍCIUS DE MORAES, 1963

É a brasileira mais conhecida no mundo, e uma das cinco canções mais tocadas em todos os tempos.

Vinícius de Moraes e Tom Jobim tomavam chope no Bar Veloso, na esquina de Montenegro com Prudente de Moraes, quando viram passar a jovem Heloisa Eneida, com seu corpo perfeito e um biquíni mínimo, gingando a caminho do mar. A cena corriqueira mudou a geografia do bairro e da música brasileira.

A Montenegro foi rebatizada como Rua Vinícius de Moraes, o Veloso virou Garota de Ipanema e a canção, surgida do mais absoluto descompromisso, passou a trabalhar mais do que o Itamaraty pelo reconhecimento do Brasil no exterior.

Depois de várias tentativas de letra, finalmente, a Garota foi apresentada no histórico show Encontro, na boate Au Bon Gourmet, que reuniu o time dos sonhos da bossa nova: João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, que se apresentava pela primeira vez como cantor, e o quarteto vocal Os Cariocas, em agosto de 1962.

Quintessência da bossa nova, Garota de Ipanema foi um sucesso imediato que cresceu em progressão geométrica. No início de 1963, foram lançadas as três primeiras gravações: de Pery Ribeiro, de Os Cariocas e do Tamba Trio. Logo depois, seria a vez de Tom Jobim, em versão instrumental, que marcou sua entrada no mercado americano, com o disco solo "The Composer of Desafinado Plays".

Até o fim de 1963, saíram outras dezoito gravações de Garota de Ipanema no Brasil e nos Estados Unidos, incluindo grandes nomes do jazz como Charlie Byrd, Herbie Mann e Stan Getz. O sucesso internacional da canção foi impulsionado pelo álbum Getz/Gilberto - Featuring Antonio Carlos Jobim, que reunia o saxofonista com o violão e a voz de João, o piano



minimalista de Tom, o contrabaixo de Tião Neto e a bateria de Milton Banana.

Em meio às sessões, o produtor Creed Taylor sugeriu que o disco incluísse uma versão em inglês. Como João não tinha a menor intimidade com a língua, sua mulher, Astrud, que falava ótimo inglês, foi escalada para missão, mesmo sem nunca ter gravado. Lançada num single, no fim de 1963, “The girl from Ipanema” arrombou a festa. No ano seguinte, quando a nova ordem do mundo pop era de gritos, guitarras e fãs elétricas, cantando baixinho, o casal Gilberto chegou ao quinto lugar na lista pop, a Hot 100, e ao primeiro na de Easy Listening da Billboard.

No início de 1965, a ipanemense também roubou a festa na cerimônia de entrega do Grammy, levando o troféu de Gravação do Ano, enquanto o disco Getz/Gilberto ganhou outros três prêmios, inclusive do Disco do Ano. Pela primeira vez na história do Oscar da música, um disco de jazz e um artista estrangeiro venciam nessa categoria concorrendo com Beatles, Elvis e Sinatra.

Responsável pela versão em inglês que consolidou o destino internacional da música, Norman Gimble tentou, sem sucesso, convencer Tom Jobim a mudar a denominação de origem da musa cada vez mais global. O americano não via sentido em manter o nome do bairro que só era significativo para os cariocas. Tom se recusou a transformar sua menina dos olhos numa garota de South Beach, Malibu ou qualquer outra praia famosa nos Estados Unidos.

Se o bairro não mudou, o sexo é livre desde 1964, quando a cantora de jazz Peggy Lee regravou-a como “The Boy from Ipanema”, gênero também usado por Ella Fitzgerald, Shirley Bassey e, mais recentemente, Diana Krall. E assim, a Garota de Ipanema, em todas as suas versões, só perdeu para o poder de sedução dos Beatles, se tornando a segunda canção popular mais regravada no mundo, atrás apenas de Yesterday, de Lennon & McCartney

## ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na

música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. Com o golpe militar de 1964, apesar da progressiva repressão das liberdades, a vida seguia no ritmo festivo de Jorge Benjor e de Adoniram Barbosa. No próximo episódio, a música continuou cantando as paixões, as dores e a esperança do Brasil, como um hino de Cartola anunciando que no fim da tempestade, o sol nascerá.